

Perspectivas do 1.º torneio internacional do Estoril

QUANDO este número da «Stadium» sair a público, deve estar a disputar-se, no Estoril, o primeiro Torneio Internacional de Xadrez em Portugal.

Este género de competição, que no estrangeiro é vulgar, especialmente na Holanda e Argentina, é, para nós, novidade. Tivemos já, é certo, os «matchs» Portugal-Espanha. Mas o Torneio do Estoril é uma prova em époules, de classificação individual, em que nos é dado ver quinze encontros diferentes.

No momento em que escrevemos esta crónica, o elenco convidado para participar no torneio é o seguinte: Artur Pomar e Francisco Perez, espanhóis; João de Moura, Leonel Pias e João Mário Ribeiro, portugueses; e Garcia Torrens, filipino.

A última hora, Rui Nascimento, finalista para o próximo Campeonato Nacional, declinou o convite, por motivo imperioso.

Mesmo assim, o valor do elenco é apreciável. Estarão frente-a-frente quatro jogadores que já foram campeões nacionais.

Artur Pomar, actual campeão de Espanha, «el niño prodigio» de ontem, é hoje um autêntico Mestre, tal como foi recentemente reconhecido pela Federação Internacional de Xadrez.

Pomar, nos jogos em que participou no Portugal-Espanha, defrontou sempre João Mário Ribeiro, que tem pouco mais a sua idade. Existe uma certa rivalidade entre estes dois jovens xadrezistas ibéricos. O enredo para nosso encontro é um dos maiores atractivos do torneio.

Francisco Perez ostentava o título de campeão de Espanha nos seus vitórias na última vez. É considerado um dos melhores jogadores espanhóis de todos os tempos. Possui autêntica classe. É um jogador de tipo combinativo, bom conhecedor da técnica das aberturas e adversário perigoso em todos os capítulos do jogo.

O outro concorrente estrangeiro é Garcia Torrens, que reside há anos no nosso país, tendo obtido na época passada o título de Mestre da Federação Portuguesa. É um jogador habilidoso e que nos últimos anos tem feito notáveis progressos, valorizando o seu estilo dentro dos princípios do «Jogo de posição».

O trio português possui comprovados recursos para opor réplica condigna à maior experiência dos «ases» espanhóis.

João de Moura, campeão de Portugal há dez anos, foi o vencedor do último Torneio dos Mestres do Sul. É um jogador seguro, bom finalista e temível no jogo de ataque, pois o seu estilo não se presta a fantasias. João Mário Ribeiro, campeão do Norte, pertence à mesma escola. Dizem-nos que está em grande forma.

É dos raros xadrezistas portugueses que se preocupa com o estudo do Xadrez, e um dos mais sérios candidatos ao título de campeão de Portugal. Não nos admiraremos que consiga classificação destacada no torneio do Estoril.

Leonel Pias, ex-campeão nacional, possui um estilo diferente. É um jogador combinativo e brilhante... se o deixarem. Deve estar muito destreinado e, por isso, a sua presença num elenco tão categorizado, é uma incógnita.

Pias tem interesse numa boa actuação, fundamentando assim o parecer daqueles que o descaim ver, no lado dos finalistas dos últimos torneios de «Mestres», no próximo Campeonato de Portugal. (Leonel Pias não pôde concorrer por se encontrar ausente da Metrópole, mas atendendo que o dr. Mário Machado renunciara antes ao título, ao abrigo da regulamentação vigente, Pias podia receber automaticamente o título).

Lamentamos que Francisco Lupi não possa participar no torneio como jogador. No entanto, como organizador do primeiro torneio internacional em Portugal, a sua contribuição não é menos valiosa.

O Xadrez ficará a dever-lhe, assim como à Sociedade Estoril (a qual facultou também a organização do 1.º Campeonato Inter-Clubes) mais este importante passo no desenvolvimento da modalidade.

*

O Torneio será disputado diariamente no átrio do Casino Estoril, sendo a ordem dos jogos a seguinte:

1.ª sessão — Pias-Pomar, Perez-Ribeiro e Moura-Torrens; 2.ª sessão — Pomar-Torrens, Ribeiro-Moura e Pias-Perez; 3.ª sessão — Perez-Pomar; Moura-Pias e Torrens-Ribeiro; 4.ª sessão — Pomar-Ribeiro; Pias-Torrens e Perez-Moura; 5.ª e última sessão — Moura-Pomar, Torrens-Perez e Ribeiro-Pias.

VASCO SANTOS

ALMOFADAS para o campo

PASSOU a ser de uso nos espectáculos de futebol, que de entre o público, como manifestação de desagrado pelas decisões do árbitro ou pelo comportamento dos jogadores, sejam lançadas para o campo almofadas, daquelas que são alugadas para amenizar a dureza de assento das tribunas.

O facto, inexplicável se lhe quizermos aprofundar as razões, traz aos clubes em cujos terrenos indesejáveis discólos o põem em aplicação, as mais graves consequências. Há quinze dias apenas o Sporting pagou esse erro com pesada multa e interdição do campo.

É difícil nestas circunstâncias apurar responsabilidades, que são talvez, ao princípio, de um sector mas acabam quase sempre por se generalizar. No entanto, à parte a demonstração pouco edificante de falta de educação que traduz da parte de quem o executa, o lançamento de almofadas — importado provavelmente das arenas de tourada — é um acto sem o mínimo significado, pois nem sequer atinge aquele que é visado, o que não seria nunca uma explicação para lhe dar validade, mas era pelo menos um objectivo.

Se fossemos dirigentes de um clube, proibiríamos pura e simplesmente o aluguer de almofadas ao público; porque é uma pequena receita que pode sair muito cara. Contudo, e para já, é indispensável verberar e punir pessoalmente os autores de semelhantes tropelias, fazendo-lhes compreender — ou sentir, quando não quiserem compreender — a sua lamentável insensatez.

O espectador tem maneira de manifestar o seu desagrado sem incorrer na falta de causador de distúrbios: proteste chamando sem insulto, abafando os culpados em gelido silêncio, mas deixe tranquilos os projecteis ao seu alcance, no caso sentando-se-lhe em cima, para evitar tentações.

O desporto é escola de civismo; sempre, sejam quais forem as eventualidades que lhe perturbem o ritmo desejável. Aqueles, como esses lançadores de almofadas, que lhe perturbam o decoro e desmentem as virtudes, devem ser escoreçados por indignos de compartilhar numa manifestação desportiva.

Guarde as embalagens LUMIÈRE, porque lhe reservamos concursos e prémios

NA FESTA DO 23.º ANIVERSÁRIO DA A. B. L. RIO SÊCO E ATLÉTICO venceram, respectivamente, Sporting e Benfica

NO passado dia 20, completaram-se vinte e três anos sobre a data da fundação da Associação de Basquetebol de Lisboa.

Vinte e três anos que representam muito trabalho, muito esforço e muita dedicação em prol de uma das mais interessantes e espectaculares modalidades desportivas, daquelas que, sem dúvida, ganharam raízes fundas no movimento desportivo da capital e que conta por muitas centenas o número dos seus dedicados praticantes.

Durante quase um quarto de século, a Associação de Basquetebol de Lisboa — é inegável — tem desenvolvido larga acção no sentido de valorizar — dentro das suas possibilidades, dentro da sua esfera de acção e dos seus recursos — a modalidade que dirige.

Não é fácil nem isenta de espinhos a vida destes organismos. A A. B. L., portanto, não pôde fugir a essa lei geral — lei que se verifica inextinguivelmente em todas as entidades dirigentes. Todavia — é de inteira justiça afirmá-lo e sublinhá-lo — os dirigentes do basquetebol lisboeta têm superado com sacrifício inextinguível as dificuldades que a cada passo se levantam.

A data do 23.º aniversário da Associação de Basquetebol de Lisboa merece, pois, ser assinalada com uma palavra de reconhecimento. Reconhecimento pela obra realizada. Uma obra que se traduz, antes de mais, na regularidade de provas e campeonatos. Uma obra que, estamos certos, se há-de afirmar no futuro sempre com mais pujança, mais entusiasmo — e maior brilhantismo.

A data a que acima fazemos referência foi comemorada, como é de tradição, na pretérita semana, com um festival no campo do Ateneu, colectividade que ao basquetebol tem emprestado, em anos sucessivos, belo e valioso contributo, e à qual a A. B. L. está ligada por vínculos inapagáveis.

O programa abriu com um encontro entre os grupos do Sporting e do Rio Seco.

Vitória da equipa do Rio Seco por 25-23, com 14-18, ao fim da primeira parte. Os vencedores aplicaram-se com grande entusiasmo e espírito de luta e, ainda que sem grandes primores de técnica, a verdade é que nunca deram tréguas ao adversário.

Alinharam e marcaram: **Rio Seco** — Pegado (2), Creolano (1), Rosado (6), Rascácio (6), Vieira (10) e Orlando.

Sporting — R. Duarte (2), Chagas, R. Ferreira (6), Lenine (8), Vaz (4), Mendes, Alfredo (1), Rebocho e Campos (2).

PROCEDEU-SE, depois, à cerimónia da distribuição de prémios, missão de que se incumbiu, por convite do pre-

sidente da A. B. L., o sr. Jaime Franco, presidente da Mesa do Congresso da Federação Portuguesa de Basquetebol.

Foram, então, distribuídas as seguintes taças:

Divisão de Honra — 1.ª, 2.ª e 3.ª categorias — Benfica; Júniores — Belenenses; Conjunto de categorias — Benfica.

I Divisão — 1.ª categoria — Campolide; 2.ª categoria — Operário; 3.ª categoria — Carnide; Conjunto de categorias — Carnide.

II Divisão — 1.ª categoria — Queluz; 2.ª categoria — C. P.; 3.ª categoria — Nacional; Conjunto de categorias — C. P.

III Divisão — 1.ª categoria — Técnico; 2.ª e 3.ª categorias — Oriental; Conjunto de categorias — Oriental.

Taça «A Bola» — Técnico; **taça «Mundo Desportivo»** — Sporting; **taça «Record»** — Atlético.

NO encontro que encerrou o programa, disputado entre o Benfica e o Atlético, alinharam e marcaram:

Atlético — Avelino, Ernesto (2), J. Ferreira (18), C. Fernandes, F. Ferreira (10) e Tavares.

Benfica — Costa (5), Leonel (7), Reis Leite (9), Morais (1), Neves, J. João (4), Alfredo (2) e Simões.

Com a margem de 16-6 ao intervalo, os alcantarenses lograram interessante triunfo, por 30-28. Registe-se, no entanto, a magnífica recuperação dos «encarnados» nos minutos finais — sem dúvida, o mais belo momento do encontro. Batido por 28-22 a três minutos do fim, o Benfica conseguiu atingir, ainda, 28-28. Coube, porém, a F. Ferreira desfazer a igualdade. E o Atlético triunfou por 30-28. Vitória que pode, até certo ponto, ser considerada como decisiva para a carreira da turma alcantarenses no torneio da taça «José Dias Pereira».

As máximas velocidades alcançadas em vários desportos

ATLETISMO — 36,366 Km. por hora (100 metros em 10 segundos e 1 décimo). La Beach (Panamá), 1950.

AUTOMOBILISMO — 634,261 Km. por hora (1 milha lançada em 9 s. e 325 milésimos). John Cobb (Austrália), 1947.

AVIAÇÃO — 1,079,841 Km. por hora. Comandante Richard L. Johnson (E. U.), 1948.

CICLISMO — 60,402 Km. por hora (500 metros em 29 s. 4/10). Lucien Richard (França), 1932.

HIPISMO — 50,270 Km. por hora (1 quilómetro em 1 m. 11 s. 7/10). Cavalo «Greyhound» (E. U.), 1938.

MOTOCICLISMO — 279,593 Km. por hora (1 quilómetro em 12 s. 80 milésimos). Ernest Henne (Alemanha), 1937.

NATAÇÃO — 6,623 Km. por hora (100 jardas em 49 s. 7/10). Alan Ford (E. U.), 1945.

PATINAGEM — 45,092 Km. por hora. (500 metros em 41 s. 7/10). Engestrangen (Noruega), 1938.

CANOA AUTOMÓVEL — 228,100 Km. por hora. Malcolm Campbell (Inglaterra), 1939.